



ESTADUAL DA PARAÍBA  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**ALYSSON DUARTE CABRAL**

**APOGEU E CRISE: NARRATIVAS SOBRE A PECUÁRIA E AS  
FAZENDAS NA CIDADE DE GADO BRAVO – PB (1940-1990)**

**CAMPINA GRANDE – PB  
JUNHO 2015**

**ALYSSON DUARTE CABRAL**

**APOGEU E CRISE: NARRATIVAS SOBRE A PECUÁRIA E AS  
FAZENDAS NA CIDADE DE GADO BRAVO – PB (1940-1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof: Esp. Anselmo Ronsard Cavalcanti

CAMPINA GRANDE - PB  
JUNHO 2015

## FICHA CATALOGRÁFICA

C117a Cabral, Alysso Duarte

Apogeu e crise [manuscrito] : narrativas sobre a pecuária e as fazendas na cidade de Gado Bravo - PB (1940-1990) / Alysso Duarte Cabral. - 2015.

49 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Prof. Esp. Anselmo Ronsard Cavalcanti, Departamento de História".

1. Pecuária Leiteira 2. Gado Bravo - PB 3. Economia Rural  
4. Fazenda - Historiografia I. Título.

21. ed. CDD 637.1

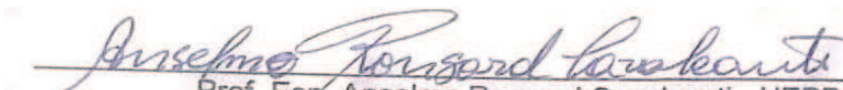
**ALYSSON DUARTE CABRAL**


**APOGEU E CRISE: NARRATIVAS SOBRE A PECUÁRIA E AS  
FAZENDAS NA CIDADE DE GADO BRAVO – PB (1940-1990)**

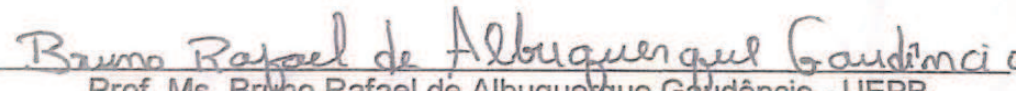
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovado em: 02/06/2015.

**BANCA EXAMINADORA:**

  
Prof. Esp. Anselmo Ronsard Cavalcanti - UEPB  
Orientador

  
Prof. Ms. Faustino Moura Neto - UEPB  
Examinador

  
Prof. Ms. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio - UEPB  
Examinador

## **DEDICATÓRIA**

A Deus que se mostrou criador, que foi criativo. Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

Aos meus pais, irmãos e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até essa etapa da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

A Universidade Estadual da Paraíba em especial ao Curso de História e seu corpo docente.

A banca examinadora por participar e contribuir com suas observações e sugestões sobre o nosso trabalho.

Ao meu orientador professor Anselmo Ronsard Cavalcanti, pelo suporte acadêmico durante toda orientação, pelas suas correções e incentivos.

A professora Maria José Oliveira pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho.

Aos meus pais e irmãos, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A todos que direto ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

“O propósito das mudanças na organização do espaço agrário nordestino também está focado no processo de inclusão do próprio território rural e dos seus agentes às benesses da modernização do sistema de produção que engendram na estrutura agrícola uma nova dinâmica que re-caracteriza o espaço rural e concebe uma nova gama de articulações produtivas e socioeconômicas”.

Luciano Ricardio de Santana

## RESUMO

O objetivo desse estudo é discutir a pecuária leiteira no município de Gado Bravo, através de uma discussão teórica acerca da temática, aliada a essa discussão, coletamos narrativas dos antigos fazendeiros e vaqueiros para melhor entendermos o contexto da época, devido à escassez das fontes oficiais dessa época. Analisando o processo econômico do município, em particular das fazendas de gado leiteiro, exemplificando um pouco da estruturação destas por volta do início do século XIX, utilizamos estudos de autores como: Caio Prado Júnior e Celso Furtado que analisaram a importância das fazendas para a economia no interior do Nordeste. No intuito de fortalecer essa discussão destacamos relatos de pesquisa de campo realizada com os antigos fazendeiros, vaqueiros e moradores do município de Gado Bravo utilizando o método da História oral. Entendemos que esse estudo traz uma contribuição para historiografia paraibana. Entender as causas que levaram as fazendas leiteiras de Gado Bravo a se deparar com o declínio dessa economia e o seu respectivo abandono.

**Palavras-chave:** Cidade de Gado Bravo. Fazendas. Pecuária.



## **ABSTRACT**

The aim of this study is to discuss the dairy farming in the village of Gado Bravo through a theoretical discussion about the theme, in relation to this discussion, collect narratives of ancient farmers and herdsmen to better understand the context of the time, due to scarcity official sources that time. Analyzing the economic process of the municipality, particularly dairy farms, illustrating some of these structuring around the early nineteenth century, we use studies of authors such as: Caio Prado and Celso Furtado who analyzed the importance of farms for economy in the Northeast. In order to strengthen this discussion highlight field of research reports conducted with the ancient farmers, cowboys and residents of the city of Gado Bravo using the method of oral history. We believe that this study provides a contribution to historiography Paraíba. Understanding the causes that led dairy farms Cattle Bravo to encounter the decline of this economy and its respective abandonment.

**Keywords:** City GadoBravo. Farms. Livestock.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

<b>Figura 01:</b> Localização do Município de Gado Bravo.....	14
<b>Figura 02.</b> Casa de pedra da Fazenda Heráclio.....	29
<b>Figura 03:</b> Casa grande - localizada no município de Gado Bravo.....	31
<b>Figura 04:</b> Riacho Salinas.....	31
<b>Figura 05:</b> Cacimba no riacho Salinas.....	31
<b>Figura 06:</b> Fazenda Cambraia.....	32
<b>Figura 07:</b> Desfile cívico na Rua Central na década de 1980.....	43
<b>Figura 8:</b> Centro municipal de Gado Bravo.....	44

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1 - UMA CARTOGRAFIA SENTIMENTAL DA CIDADE DE GADO BRAVO – PB</b> .....	14
1.1 A primeira denominação da cidade de Gado Bravo: Cruzeiro.....	15
1.2 A emancipação política do município Gado Bravo.....	17
<b>CAPÍTULO 2 - A PENETRAÇÃO DO GADO PARA O INTERIOR PARAIBANO</b> .....	19
2.1 A interiorização e as fazendas de gado.....	19
2.2 Do litoral para o interior.....	21
2.3 A “labuta” nas primeiras fazendas.....	24
<b>CAPÍTULO 3 -AS NARRATIVAS DOS ANTIGOS MORADORES DE GADO BRAVO</b> .....	28
3.1 A fundação das primeiras fazendas e a sua relação com Pernambuco.....	28
3.2 Do antigo ao moderno: A pecuária nos cariris velhos.....	36
3.3 A dinamização econômica e a modernidade chegam ao meio rural de Gado Bravo.....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	48

## INTRODUÇÃO

Toda cidade tem uma história, não nasce por acaso, nem é um passe de mágica, se dá a partir de um processo histórico que explica sua origem, suas metamorfoses ao longo do tempo. Para Carlos (2007): “esposamos a tese segundo a qual a cidade tem uma origem histórica: nasce num determinado momento da história da humanidade e se constitui ao longo do processo histórico, assumindo formas e conteúdos diversos” (CARLOS, 2007, p.56-57).

O município de Gado Bravo localiza-se na região do Agreste paraibano, emancipado politicamente em 1994, tem sua base econômica sustentada na agropecuária bovina. Entretanto, a economia da cidade passou por um processo de metamorfoses, nas suas últimas décadas, acarretando numa decadência na atividade agropecuária.

A escolha por essa temática partiu da nossa vivência cotidiana, na zona rural do município, mais especificamente no Sitio Salinas (há aproximadamente cinco Km do centro urbano), grande reduto de fazendas de gado leiteiro. Enquanto criança sempre ouvi nas rodas de conversas dos amigos dos meus pais e avós o processo de desestruturação por quais passavam as fazendas, relatos da época áurea e a melancolia do futuro incerto do gado leiteiro, que por várias décadas foi a base econômica do município de Gado Bravo.

Neste sentido, temos por objetivo nesse trabalho discutir a pecuária leiteira no município de Gado Bravo, através de uma discussão teórica acerca da temática, aliada a essa discussão, coletamos narrativas dos antigos fazendeiros e vaqueiros para melhor entendermos o contexto da época, devido a escasseis das fontes oficiais.

Analisando o processo econômico do município, em particular das fazendas de gado leiteiro, exemplificando um pouco da estruturação destas por volta do início do século XIX, utilizaremos estudos de autores como: Caio Prado Júnior e de Celso Furtado que analisaram a importância das fazendas para a economia no interior do Nordeste. No intuito de fortalecer essa discussão destacamos relatos de pesquisa de campo realizada com os antigos fazendeiros, vaqueiros e moradores do município de Gado Bravo.

Entendemos que esse estudo traz uma contribuição para historiografia paraibana. Entender as causas que levaram as fazendas leiteiras de Gado Bravo a se deparar com o declínio dessa economia e o seu respectivo abandono.

Desta forma, no nosso primeiro capítulo apresentamos uma discussão acerca do município em seus vários aspectos da sua origem a sua emancipação política, para que possamos melhor entender o cenário em que Gado Bravo está incluído.

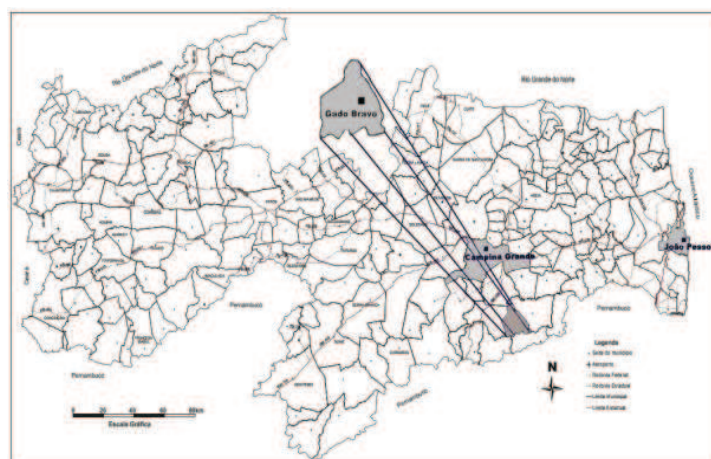
No segundo capítulo, abordamos através de uma discussão teórica a respeito das fazendas de gado para a economia do sertão nordestino e do cariri paraibano, região geográfica em que o município de Gado Bravo se insere.

No terceiro e último capítulo, destacamos o nosso campo de pesquisa, fundamentado através da história oral, com os antigos fazendeiros, vaqueiros e moradores do município de Gado Bravo. No intuito de discutir acerca das fazendas de gado leiteiro no município, destacando seus aspectos logísticos, econômicos, bem como seu modo de funcionamento, enfatizando o trabalho do vaqueiro, suas relações com o patrão e as possíveis causas da falta de prestígio e das consequências que levaram a decadência e até mesmo ao seu abandono.

## CAPÍTULO 1 - UMA CARTOGRAFIA SENTIMENTAL DA CIDADE DE GADO BRAVO- PB

A cidade de Gado Bravo é um dos 5.500 municípios brasileiros, localizado no estado da Paraíba na região Nordeste. Gado Bravo está situado na mesorregião do Agreste paraibano, na microrregião de Umbuzeiro, há aproximadamente 180 km de distância da capital João Pessoa, entre a BR: 104, Queimadas – Barra de Santana e a rodovia estadual PB: 102, Aroeiras – Umbuzeiro (RODRIGUEZ *et al*, 2002).

**Figura 01:** Localização do Município de Gado Bravo.



**Fonte:** CPRM/PRODEEM, (2005) - adaptado.

Tem uma população de aproximadamente 8.300 habitantes, no qual cerca de 60% destas pessoas vivem na zona rural do município - a relação com o mundo rural pode ser observada na fotografia acima - possui uma área de 204,2 km. As fazendas de gados bovinos favorecem a origem do município. Os primeiros fazendeiros: José Mariano Barbosa, Orlando Guerra, Zé de Cosme, Francisco Germano, grandes latifundiários possuíam muitas cabeças de gado, usinas algodoceiras e de sisal, curtumes e prestígio político na região, fato pelo qual seus nomes se destacam na história local.

A emancipação política da cidade de Gado Bravo é recente, até 1994 a localidade era distrito do município de Aroeiras, mas e o desenvolvimento do espaço gadobravense vinha e vem sendo construído e organizado ao longo de sua história. A grande maioria das cidades sejam elas de grande, médio ou pequeno porte -

capitais, metrópoles, megalópoles – nasceram a partir de pequenos povoados, o caso da cidade de Gado Bravo não difere das demais.

Para Camelo (2011) “O povoamento de Gado Bravo provém de migrações de origem endógena e exógena, principalmente do estado de Pernambuco tem grande influência na cidade, não se sabe por que, talvez seja a proximidade dos limites geográficos”. (CAMELO, 2011, p. 6). O povoamento no município é recente, uma vez que o povoamento do interior paraibano é recente em relação à Zona da Mata açucareira, banhado pelo rio Paraíba o povoamento iniciou-se no fim do século XIX e início do XX.

Partilhamos da ideia do geógrafo Milton Santos; “O espaço, por outro lado, não é jamais um produto terminado, nem fixado, nem congelado para sempre”. (SANTOS, 2008, p.187). O espaço, portanto, é dinâmico, sofre transformações e mudanças, seja cultural, social ou econômica. Essa dinâmica espacial está acontecendo no município de Gado Bravo.

### **1.3 As primeiras denominações: Curtume e Cruzeiro**

Como foi citado acima o espaço está em constante mutação, não é diferente com as denominações do espaço, na localidade de Gado Bravo, existiam estabelecimentos, onde se preparava e curtia o couro para a comercialização, estes curtumes de iniciativa privada dos primeiros habitantes acabaram dando a primeira denominação da localidade: Curtume. O couro era comercializado nas feiras livres da região: Campina Grande, Itabaiana, Fagundes e em algumas cidades pernambucanas, nesta época Gado Bravo era apenas um distrito que pertencia ao município de Umbuzeiro.

Na década de 1920, chega à localidade, de origem ainda desconhecida, o senhor José Francisco (Zé Chico), indivíduo bastante religioso, típico característico da extrema religiosidade regionalista da época. Guardada as devidas proporções Zé Chico com certeza compartilhava das ideias de Antônio Conselheiro e Padre Cícero, visto que além de pregar também construiu igrejas e cemitérios, características típicas dos dois grandes místicos religiosos do Nordeste.

Ele se instalou na residência de Dona Maria Paula, que era esposa do senhor José Paulo, proprietário de uma espécie de pousada e um dos primeiros habitantes da localidade. Zé Chico começou então a expor a sua religiosidade, dizia-se ter chegado à localidade para pagar promessas, espécie de sacrifício dedicado a uma divindade em troca de favores espirituais e também materiais, porque ele sofria com enfermidades pelo corpo.

Construiu com ajuda de algumas pessoas uma grande cruz erguida nos adros da igreja (um cruzeiro) em madeira, que ainda existe, apesar de já ter passado por reformas, está localizado a alguns metros da Igreja Matriz de São José. Naquele cruzeiro Zé Chico e a comunidade local praticavam cultos, rezavam terços, realizavam festas e novenas, a luz de velas, uma vez, que ainda não existia energia elétrica no distrito. Estes eventos religiosos figurariam tempos depois na atual festa de São José, principal festa do município, realizada no dia 19 de março.

Esse contexto cultural contribuiu para o surgimento de uma denominação para a localidade: Cruzeiro. Ainda na década de 1920, o próprio Zé Chico conseguiu construir uma capelinha, aonde foi colocada uma imagem de São José, a primeira missa no local foi realizada no dia 19 de março de 1930.

Em 1949 com a grande contribuição de Orlando Guerra (fazendeiro local), a capelinha passou por uma reforma, o prefeito de Umbuzeiro Patrício Leal, também contribuiu, pois Gado Bravo na época era distrito de Umbuzeiro, por que Aroeiras só foi emancipada em 1953. Também em 1949 morre Zé Chico, ele é sepultado ao lado da recém construída igreja, pois não havia cemitério.

Em 1983 a igreja passou por uma outra reforma na qual seu espaço foi ampliado, perdendo a estrutura original, uma iniciativa de Severino Lucena, líder político da região na época.(SANTANA, 2009).

Por Gado Bravo já passou alguns vigários, porém, nenhum deles foi tão carismático e admirado como o Pe. Godofredo Joosten, vigário redentorista que era de origem alemã, o qual em sua homenagem colocaram o nome da escola municipal de ensino fundamental, localizado na sede do município (outro vigário que não podemos deixar de citar aqui é o Pe. Edwards Caldas Lins, o qual em sua homenagem colocou-se o nome da escola municipal de surdos que também fica na sede do município).



A pecuária sempre esteve presente no município de Gado Bravo, inclusive dando nome a este, segundo Santana (2009) a denominação foi sugerida pelo fazendeiro José Mariano Barbosa, pois a área era caracterizada pela presença de muitas fazendas e currais.

Entretanto, o que inspirou os habitantes a batizarem a localidade, foi o fato de os vaqueiros quando iam levar o gado dos patrões para beber água nas cacimbas (espécie de nascente de água salgada), o gado ia todo desorganizado, raivosos, bravos dando trabalho aos vaqueiros que bradavam dizendo; “ôô gado bravo”, então os habitantes tiveram a ideia e surgiu o nome definitivamente de Gado Bravo.

#### **1.4A emancipação política do município Gado Bravo**

O município de Gado Bravo foi distrito de Umbuzeiro por várias décadas, até 1953 – época esta no qual a cidade, Aroeiras, desmembrou-se deste, tornando-se município -, quando então passa a ser distrito de Aroeiras, que teve como primeiro prefeito João Evangelista Pereira. Durante as mais de quatro décadas em que foi distrito de Aroeiras, Gado Bravo teve uma atenção especial, foram construídos calçamentos, escolas, mercado público, posto de saúde, entre outros.

Na década de 1990, os líderes políticos da região começaram uma luta para conseguir a emancipação política de Gado Bravo, mesmo com represálias de algumas pessoas que não queriam a emancipação, o plebiscito foi realizado no dia 15 de novembro de 1993, a emancipação do município foi aprovada. Todavia, a emancipação definitiva do município se deu no dia 29 de abril de 1994, finalmente Gado Bravo foi desmembrado de Aroeiras, recebendo o título de município através da lei estadual n. 5.897.

No primeiro pleito eleitoral realizado no mês de outubro de 1996, a população gadobravense elegeu o primeiro prefeito: Salomão Lucena de Farias que tinha como vice Fernando Barbosa de Moraes, este veio a falecer no dia 23 de julho de 1999, o vice-prefeito Fernando Moraes assumiu a administração do município, sendo reeleito no próximo pleito, tornando-se o segundo prefeito.

A disputa eleitoral de 2004 foi disputada por três candidatos: Carminha Lucena (PFL), Austerliano Evaldo Araújo (PTB) e Paulo Alves Monteiro (PSDB), este último venceu o pleito governando até 2008. No pleito seguinte, em 2008, Paulo Monteiro como é conhecido foi derrotado por Austerliano Evaldo, Evandro Araújo como é conhecido no município, ele foi reeleito em 2012 e está na administração até os dias de hoje. Vale destacar que em Gado Bravo o poder legislativo é representado pela câmara municipal que é composto por nove vereadores.

A Gestão Salomão Lucena de Farias (1997-2000) - Salomão Lucena era engenheiro químico, foi eleito em outubro de 1996 e recebeu o título de primeiro prefeito do município, seu vice era o pecuarista Fernando Barbosa de Moraes. Salomão não conseguiu concluir seu mandato, pois veio a falecer em julho de 1999, deixando a prefeitura nas mãos do seu vice, que posteriormente veio a ser reeleito. O mandato de Salomão foi curto, entretanto, foi uma administração bastante satisfatória, aos olhos da população, realizou concurso público, implantou reformas urbanas na cidade, implantou o ensino médio na rede municipal de ensino, entre outras ações.

A Gestão Fernando Barbosa de Moraes, como já foi dito anteriormente, Fernando Barbosa era vice de Salomão Lucena, Fernando Félix como era mais conhecido, ele assumiu a administração municipal com a morte do primeiro, na eleição posterior foi reeleito para exercer outro mandato. Sua administração também foi satisfatória, teve bons olhos para educação, construiu um ginásio poliesportivo na sede do município. Em parceria com o governo do estado, instalou o abastecimento d'água na zona urbana do município, água proveniente do açude Acauã, pavimentou ruas e construiu pavimentações na comunidade de Caracolzinho, zona rural do município.

A Gestão Paulo Monteiro ou Dr. Paulo Monteiro como é conhecido foi eleito nas eleições municipais de 2004, após duas tentativas feitas anteriormente. Sua administração é tida pelos habitantes do município como eficiente, ficou conhecido por seu caráter desenvolvimentista. Construiu várias obras: praças, postos de saúde, pavimentou ruas, efetuou a compra de automóveis para a prefeitura, construiu um estádio de futebol. Entretanto, foi derrotado por Austerliano Evaldo Araújo quando tentou a reeleição no ano 2008.

## CAPÍTULO 2 - A PENETRAÇÃO DO GADO PARA O INTERIOR PARAIBANO

### 2.1 A interiorização e as fazendas de gado

A colonização portuguesa na América, se deu ao longo das margens litorânea, com o cultivo da cultura da cana-de-açúcar, trazida das ilhas atlânticas de Açores e Madeira: “O açúcar era um produto ‘novo’ que substituíria o mel na dieta das classes ricas e já tinha sido introduzido no mercado europeu anteriormente pelos portugueses, que dominavam sua técnica de produção” (SINGER, 1998, p. 100).

Na América portuguesa elas foram plantadas nas terras roxas (massapê) mais adequadas para o cultivo desta cultura produtiva, como afirma (PIRES *apud* GUEDES 2006, p.17): “O litoral estava praticamente ocupado e era local de monocultura da lavoura canavieira gozando da proteção por parte da metrópole, por ser apesar dos abalos, atividade mais lucrativa”.

Buscando sempre o lucro os colonizadores europeus não encontraram de imediato nas terras chamadas hoje de Brasil matéria-prima que fosse atrativa para seu comércio, como bem ressaltou Paul Singer (1998): “O sistema econômico implantado pelos europeus no que seria mais tarde a América Latina tinha por objetivo geral a obtenção de um excedente comercializável. Este é que conferia sentido à colonização” (SINGER, 1998, p. 97). As principais riquezas que os europeus buscavam na América Latina eram minérios, como o ouro e a prata, matérias primas de alto valor na Europa. Não encontrando estas matérias primas nas terras que viriam chamar-se de Brasil, os europeus resolveram cultivar a cana-de-açúcar.

Precisando de gado nos engenhos e nas minas, tanto para alimentação como para força motriz, os colonizadores estabeleceram – os na colônia, nas palavras de Celso Furtado:

A pecuária surge fundamentalmente para satisfazer a demanda de carne e de animais de tração e carga criada tanto pela empresa agro-mercantil quanto pela exploração mineira. Essa demanda era considerável, pois as bestas de tração e transporte constituíam uma fonte de energia muito mais barata que o homem escravo, devendo substituí-lo sempre que possível. Mais barata e mais eficaz, pois o uso de animais permitia reduzir

consideravelmente o tempo requerido para transportar lenha para os engenhos e carga para os portos. Dada a abundância de terras, a pecuária apoiava-se num mecanismo de acumulação natural, graças ao qual intensificou-se o processo de ocupação e povoamento do território. (FURTADO, 1976, p. 95).

Como podemos observar nas palavras do economista paraibano a pecuária desenvolveu-se no interior não apenas com gado bovino, mas também com animais de tração como bestas e cavalos. Em Gado Bravo nosso objeto de estudo, como já foi dito anteriormente, as primeiras fazendas foram fundadas no início do século XIX; onde além da atividade pecuarista cultivava-se gêneros agrícolas de primeira necessidade, muitos consumidos ali mesmo nas fazendas, o excedente era comercializado nas feiras da região.

Por outro lado, o próprio Celso Furtado ressalta que a importância da pecuária vai além da utilização da carne para alimentação e da força motriz:

(...) a pecuária desempenhou certo papel de estabilizador das atividades econômicas em seu conjunto. Nas fases de depressão da atividade econômica principal, a pecuária podia absorver a mão-de-obra livre e a capacidade empresarial sobranes (...), no Brasil açucareiro o hinterland pecuário se apresentava como uma fronteira móvel a conquistar. A abertura de fazendas de gado constitui, assim, de alguma forma, um processo de colonização de povoamento (...) a abertura de uma fazenda não exigia mais que algumas cabeças de gado (...). (FURTADO, 1976, p. 96).

Furtado comunga do mesmo pensamento de Caio Prado Júnior quando afirma que a instalação de uma fazenda de gado exigia pouca mão-de-obra, pouca logística e conseqüentemente pouco cabedal em sua fundação. De fato, a atividade pecuarista não ficou sempre a margem da economia, durante o período colonial – só pra citarmos um exemplo – quando da expulsão dos holandeses que trouxe conseqüências drásticas para a economia açucareira na Paraíba e em todo o Nordeste de uma forma geral, como afirma Elza Régis (1982):

Apesar de ter se conseguido retomar o controle sobre o litoral nordestino, a economia local se viu fortemente abalada pela estratégia adotada nas lutas de reconquista. O setor produtivo foi duramente minado, especialmente no que dizia respeito à destruição de engenhos. Sua reconstrução demandaria altos investimentos de tempo e capital, diminuindo a lucratividade das primeiras safras. A produção açucareira paraibana baixou a patamares anteriormente inimagináveis: cerca de míseras 100 caixas em alguns anos (RÉGIS, 1982, p. 189).

Segundo Pires (1990) nessa época foram registradas a distribuição de centenas de sesmarias pelo interior da Capitania Real da Paraíba, dessa feita quando a economia açucareira entrou em declínio a atividade pecuarista interiorana ganhou destaque.

Contrariando os pensamentos de Furtado (1976) e de Pires (1990), Francisco de Oliveira (1981) em seus argumentos deixa claro que a pecuária sempre foi um apêndice da grande produção açucareira:

É incontestável, (...), o fato de que essa economia pecuária nunca teve maior expressão na economia colonial, nem para o próprio Nordeste, nem para o resto da colônia. Encontra essa debilidade sua afirmação no fato de que essa economia pecuária nunca esteve fundamentada nos padrões de reprodução da economia escravocrata; pode-se adiantar, como hipótese, que a formação dessa economia – se é que expressão pode ser usada com rigor para designar as atividades pecuárias do sertão nordestino – era uma forma de desdobramento, marginal, da atividade econômica principal, (...). (OLIVEIRA, 1981, p. 45).

Enfim, para ele não devíamos nem chamar a atividade pecuarista de economia, uma vez, que sempre esteve à margem das outras atividades econômicas, principalmente da açucareira. Ao contrário do pensamento de Oliveira a economia pecuarista em Gado Bravo sempre teve grande respaldo, por isso vamos seguir aqui a linha teórica de Prado, de Furtado e de Pires comungando com o grande esplendor que a pecuária trouxe para o interior de uma forma geral.

## **2.2 Do litoral para o interior**

Inicialmente, o gado conviveu lado a lado com a plantação da cana-de-açúcar, maltratando o plantio. Como sua criação era indispensável, a solução encontrada pelo governo da metrópole portuguesa foi o incentivo a criação destes no interior. A implantação das fazendas de gado foi um dos principais motivos do processo de interiorização. Para muitos pesquisadores os fatores de ordens econômicas como este foi primordial nesta expansão.

Entretanto, Pires (2006), não utiliza apenas questões eminentemente econômicas para explicar as motivações da colonização do interior. Para autora, esta expansão colonial atendeu a interesses dos grandes proprietários de terra e do próprio estado, por que:

Em primeiro lugar, o sertão era a área menos valorizada, por estar mais afastada da lavoura canavieira, atividade mais lucrativa para as classes dominantes. Em segundo lugar, oferecia oportunidades àqueles que não dispunham de capital para montar engenhos, apaziguando os possíveis conflitos na classe proprietária. Em terceiro lugar, o estado promoveu a ocupação do sertão como forma de garantir a segurança da Colônia à luz de novos ataques estrangeiros, como ocorreu nas invasões holandesas. (PIRES, 2006, p.37).

Analisando as colocações de Pires podemos observar que não foram apenas motivações políticas e econômicas que impulsionaram as conquistas interioranas, questões de ordens sociais também estavam presentes. É importante ressaltar que estas expedições encontraram vários obstáculos, entre eles o conflito com os nativos tão recorrentes em nossa historiografia, fatores de ordens climáticas também não pode deixar de serem citados, a exemplo de prolongadas estiagens e até mesmo de enchentes nos anos de invernos rigorosos.

A colonização do interior da América portuguesa, portanto, foi bastante complexa, e mesmo nos dias atuais ainda não se completou se considerarmos que algumas áreas do nosso território ainda se encontram “despovoada”. Reforçando as ideias de Pires quanto à importância do gado no processo de interiorização e analisando as investidas para o interior Caio Prado Júnior (2004) chega à seguinte conclusão:

Entre a mineração e o avanço dos rebanhos ocorre no que diz respeito ao povoamento, uma primeira diferença que devemos notar. A primeira impele o homem num arranco brusco, do litoral para o coração do continente; não há contigüidade na expansão: os núcleos mineradores vão surgir muito longe dos pontos de partida das correntes migratórias, e no espaço intermediário permanecerá o deserto que só raras vias de comunicação atravessam (...) coisa muito diversa se passa com a penetração levada pelas fazendas de gado. Dos seus focos, cujo principal é a Bahia, as fazendas, e com elas o povoamento, vão-se espraiando paulatinamente para o interior. (PRADO JR, 2004, p. 55).

Em outras palavras a penetração que se arrastava interior adentro com as fazendas de gado se caracteriza pela contigüidade, pelo desbravamento contínuo, não era um povoamento tipo “ilhas”. Analisando as palavras de Prado percebemos que as fazendas de gado tiveram um papel primordial no povoamento dos sertões bravios, território ainda para desbravar, terra de índios que foram dizimados no processo de conquistas.

O governo parece ter juntado o útil ao agradável quando estimulou a expansão das fazendas pelo interior; em Carta Régia de 1701 D. Pedro II, proibia a

criação de gado a menos de 10 léguas do litoral, o motivo para a proibição era que a área litorânea era exclusiva para o cultivo da cana-de-açúcar, principal riqueza que a colônia oferecia a metrópole portuguesa.

A expansão para o interior tornou-se uma válvula de escape importantíssima não só para o Estado, como também para os grandes proprietários de terra. O gado muitas vezes entregue a lei da natureza necessitava de grandes extensões territoriais para a criação o que apressava ainda mais o processo de conquistas nos sertões (é importante ressaltar que a área denominada de sertão correspondia a toda extensão territorial além da faixa litorânea).

Quando os engenhos de cana-de-açúcar prosperaram no Nordeste a criação do gado passou a ser indispensável, tanto para a força motriz no trabalho com a cana, como para o abastecimento alimentício. Apesar da lei que proibiu a criação do gado no litoral ser do ano de 1701, ou seja, início do século XVIII; a instauração das primeiras fazendas de gado no município de Gado Bravo data do início do século XIX, um século após, portanto.

Vilas e cidades foram sendo fundadas no interior na medida em que a população aumentava no litoral. Como manter o rebanho no sertão se as áreas de várzeas estavam muitas vezes reservadas ao cultivo da cana e de outros produtos agrícolas? De fato, aventurar-se interior adentro enfrentando o gentio bravo e as intempéries do tempo tendo que conviver com estiagens prolongadas não foi tarefa fácil para o homem sertanejo, já dizia Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902) que o sertanejo é, sobretudo, um forte, e de fato ele mostrou força e coragem, sendo “pioneiros” e ajudando o território que hoje vem a ser o Brasil a ser “conquistado”.

No município de Gado Bravo a instauração das primeiras fazendas também demandou muito trabalho como podemos observar nos relatos orais citados posteriormente aqui neste trabalho. Por outro lado, Caio Prado Júnior na obra *Formação do Brasil Contemporâneo* (2004), aponta alguns fatores que deixam claro que o estabelecimento das fazendas de gado nos sertões não foi tarefa tão árdua assim:

A vegetação pouco densa da caatinga, o que permite o estabelecimento do homem sem trabalho preliminar algum de desbastamento; o relevo unido que se estende por largas chapadas, a presença freqüente de afloramentos salinos que fornecem ao gado os chamados 'lambedouros', onde ele se satisfaz deste alimento indispensável. (PRADO JR, 2004, p. 188).

### 2.3 A “labuta” nas primeiras fazendas

No período colonial diferentemente do que acontecia nas minas e do trabalho na zona açucareira, a mão de obra nas fazendas de gado do interior exigia uma pequena demanda, uma vez, que a pecuária se dava de maneira extensiva. Apesar das intempéries do tempo, instalar uma fazenda no sertão bravo também era bem mais fácil, do que estruturar um engenho na zona da mata que demandava altos custos e grande disponibilidade de homens para o trabalho braçal.

Uma cabana coberta de palha, tosca e rude, já constituía o estabelecimento de uma fazenda, já significava uma povoação de três léguas de terra, conforme Prado (2004):

[...] cerca de uma dúzia de homens constituem o pessoal necessário. Mão-de-obra não falta, e não havendo escravos, bastam destes mestiços de índios, mulatos ou pretos que abundam nos sertões, e que, ociosos em regra e avessos em princípio ao trabalho, têm uma inclinação especial para a vida aventureira e de esforço intermitente que exigem as atividades da fazenda. (PRADOJR, 2004, p. 191).

Portanto, instaurar uma fazenda levava poucos dias e a abundância da mão de obra como afirma Prado também contribuiu para o sucesso e para a manutenção das fazendas. Quais eram os principais componentes e instalações que compunham uma fazenda?

Ao contrário do engenho composto por dezenas de construções, a fazenda possui instalações sumárias: currais, casa de vivenda e casa de morador quando há. O rebanho nas primeiras fazendas do período colonial era composto por milhares de cabeças espalhadas por léguas de terra, para a necessária vigilância do rebanho utiliza-se o cavalo animal indispensável nesta atividade. “Uma fazenda, por pequena que seja um chiqueiro como se diz, não pode ter menos de 25 a 30 cavalos; mas nunca uma fazenda é bem manejada com menos de 50 a 60”. (PRADOJR, 2004, p. 193).

Além dos fatores político-econômicos e sociais citados acima, a criação do gado de corte no interior tinha outra importante função no período colonial: abastecer o mercado consumidor da zona da mata costeira que crescia rapidamente e alimentar a escravaria nos engenhos de açúcar e nas minas do centro-sul. Todos os anos viam do sertão para o litoral um desfile ininterrupto de cabeças de boi para serem abatidos. Tanto que o comércio de carne vai atingir um patamar lucrativo,



atingindo até a exportação. E não era só o comércio de carne, o couro retirado da pele dos animais também passou a ser valorizado: couros salgados, curtidos, solas, vaquetas entre outros, o que veio a estimular as instalações de mais fazendas, uma vez, que o próprio comércio do açúcar passou a sofrer concorrência. Ao contrário, do que ocorreu em grande parte do Nordeste no período colonial em Gado Bravo a pecuária sempre esteve voltada para a criação do gado leiteiro.

Cronistas da época como Antonil registraram as grandes perdas que se davam nas longas viagens entre o sertão e o litoral, perda que chegava muitas vezes a 50% do rebanho, a falta de recursos e de água juntamente com as distancias enormes a percorrer contribuía para este prejuízo econômico. O grande número de perdas fez com que os animais passassem a ser abatidos no próprio interior remetendo-se a carne seca para os mercados do litoral e impulsionando uma importante indústria no sertão.

Feiras surgiram impulsionadas pelo crescimento populacional, aliado ao sucesso da pecuária que invadiu o sertão, as ligações com o litoral passaram a ser temporários. Segundo Sodré (1990) as feiras de gado mudaram a rotina do sertanejo “as populações do sertão trazem-lhes o que produzem e nelas buscam o pouco de que necessitam. As trocas se efetuam em espécie, em grandes partes dos casos”. (SODRÉ, 1990, p. 123). Viajar para o litoral para comprar os mantimentos necessários à alimentação não era mais preciso, salvo em algumas exceções.

Outro produto derivado do gado era o leite que no período colonial, segundo Prado Jr (2004) esse não era comercializado, era consumido ali mesmo na fazenda, muitas vezes coalhado ou então na fabricação de queijos, queijo grosseiro e mal fabricado.

Não podemos abordar os aspectos das fazendas de Gado Bravo sem antes falarmos da importância do papel do vaqueiro para as mesmas. O gado solto nos pastos ficava arisco, bravio, desacostumado às pessoas, entretanto, sua criação exigia um acompanhamento, embora inconstante. Cabia aos vaqueiros vigiar as reses “vigiam áreas, retiros, pastos, mangas, grotas ou currais – os nomes variavam – onde costumavam ficarem certos grupos de gado”. (RIBEIRO, 1998, p. 137).

A rotina arriscada e perigosa do vaqueiro em viagens de léguas tinha como grande aliado e amigo o cavalo, às vezes era preciso apartar o gado que carecia de

trato e medicação; era preciso juntá-lo também para castração ou venda quando necessitava estas atividades às vezes demandavam meses de atividades arriscadas. Estas vidas aventureiras e corajosas em sua rotina diária, pondo muitas vezes suas vidas à prova fez dos vaqueiros um personagem lendário na história das fazendas no Nordeste, imortalizado em filmes, toadas e aboios.

Então, embora a fazenda de gado seja parte menor da historiografia do campo brasileiro, a lenda do vaqueiro se esparrama pelo imaginário deste rural. Visto na memória do fazendeiro, na lembrança do agregado, nos casos contados nas antigas zonas da pecuária, o vaqueiro se agiganta, transforma-se no maior dos personagens. Ele se iguala em expressão à fazenda de gado porque é seu símbolo; marca estórias e produção cultural. (RIBEIRO, 1998, p. 138).

O vaqueiro desempenha, sobretudo, um papel do “herói romântico”. Sua profissão é uma verdadeira arte, seu trabalho estava sujeito a uma quantidade de riscos, era preciso dominar uma atividade que exigia anos e mais anos de adestramento. Os serviços com o gado era uma atividade especializada, atividade esta que estava sujeita a improvisação, era preciso saber lidar com o desconhecido, o campo possuía seus segredos.

Em suma, a atividade do vaqueiro é única, uma verdadeira vocação, uma verdadeira arte. O historiador mineiro Eduardo Magalhães Ribeiro (1998) em um fragmento decifrou um pouco sobre a vida e a profissão do vaqueiro:

Ao contrário dos demais trabalhadores da fazenda, o vaqueiro labutava com o indócil. Gado criava seus ritmos próprios, independente da sucessão de seca a d'água dos agregados cultivando seus mantimentos; soltar os bezerros de leite na manhã antes de dar um campo era a única rotina num dia de serviço. Podia encontrar vaca parida dando testa para topada, garrote caído em valeta, garanhão se retalhando em brigas, gado fugido de manga, bezerro novo com bicheira; sabia pouco do que esperava o que seria seu dia; mas certo, era gastar o tempo num serviço extenuante, cheio de desafios; aí, era à hora em que fazia prevalecer sua arte, que aproveitava para também a divulgar. (RIBEIRO, 1998, p. 140).

Ao debruçarmos sobre a pecuária bovina em nosso município não podemos deixar de mencionar um dos principais responsáveis pelo andamento das fazendas, personagem cantado em toadas, em aboios: o vaqueiro. Este personagem é o símbolo maior das fazendas e em Gado Bravo ainda podemos encontrar alguns montados em burros ou cavalos.

O trabalho desenvolvido pelo vaqueiro requer força, determinação e, sobretudo, especialização para o trabalho árduo e insalubre do dia-a-dia. Além dos relatos orais colhidos no município, dialogamos aqui com o trabalho do historiador mineiro Eduardo Magalhães Ribeiro que analisou o dia-dia do vaqueiro no vale do Jequitinhonha, região semiárida mineira.

Apesar do trabalho de Ribeiro ter sido desenvolvido no Estado de Minas Gerais, em nada difere da realidade gadobravense, as duas regiões estão localizadas no semiárido e as atividades desenvolvidas pelos mineiros do Jequitinhonha são as mesmas seguidas pelo vaqueiro do pequeno município de Gado Bravo no cariri paraibano cortado pelo rio Paraíba ao sul.

Apesar de ainda existir vaqueiros em Gado Bravo, esta profissão está em extinção no município, o trabalho rigoroso e a decadência cada vez mais frequente das fazendas estão entre os fatores da extinção. Um dos poucos fazendeiros nos fala a respeito do trabalho dos vaqueiros na fazenda da família desde a época do pai:

Os vaqueiros trabalhava muito, as duas da matina já aboiavam e gritava o gado no curral acordando agente da fazenda, tirava o leite, apartava os bezeros, soltava o gado no pasto (na época do verão dava comida ao gado na cocheira), fazia os queijo, findando a luta por volta das onze horas da manhã; a tarde voltava pra prender o gado e tirar o leite novamente. Assim completava o trabalho da rotina e duro. Trabalhei por muito tempo com vaqueiros, hoje não acho mais necessário, com meus filhos e netos já dou conta das poucas cabeças de gado tenho. (PESQUISA DE CAMPO, 23 de novembro de 2014)

Muitas vezes o vaqueiro era o agregado citado acima, que pelo fato de trabalhar no curral tinha o contato direto com os patrões. Além dele, tínhamos e ainda temos (embora em menor proporção) o trabalhador do campo, responsável por outras atividades: capinar o mato, construir cercas, limpar os açudes e barreiros, cultivar a terra e cuidar das plantações. Todavia, o grande herói da fazenda é mesmo o vaqueiro que trabalha de domingo a domingo e de sol a sol enfrentando todas as intempéries do tempo.

### **CAPÍTULO 3: AS NARRATIVAS DOS ANTIGOS MORADORES DE GADO BRAVO**

Trabalhar com pecuária leiteira no cariri paraibano não é tarefa fácil para o pesquisador que deseje debruçar-se sobre o tema, visto que a raridade das fontes constitui seu principal obstáculo. No município de Gado Bravo ao qual abordaremos aqui não é diferente, por isso discutiremos através das fontes orais com pessoas que conviveram ou convivem em meio a esta atividade produtora, principalmente aquelas que vivenciaram e ainda estão presentes no município de Gado Bravo.

Para uma compreensão significativa do método da oralidade nos pautamos Meihy (2000) quando diz que a história oral pura trabalha apenas com estes depoimentos, quer seja apenas uma quer sejam várias narrativas. “Ela pode revelar tanto a entrevista quanto a sua análise, desde que apenas sejam considerados os depoimentos como fontes”. (MEIHY, 2000, p. 40). Neste sentido, boa parte de nosso trabalho está fundamentado sobre o viés da história oral.

Gado Bravo por toda sua história teve seus pilares fundamentados sobre à agropecuária, destaque para o algodão e a pecuária leiteira nas dezenas de fazendas estruturadas nos quatro cantos do município. Nosso foco aqui neste trabalho é a pecuária voltada para o gado bovino, uma vez que esta foi e continua sendo a principal produtora de leite do município. Todavia, não podemos deixar de citar aqui que nestas fazendas também se criavam outros tipos de gado: caprinos, ovinos, suínos, equinos entre outros.

#### **3.1 A fundação das primeiras fazendas e a sua relação com Pernambuco**

Todo desdobramento e todo processo no que diz respeito à estruturação das fazendas se dava em pouco tempo (em poucos meses para ser mais exato), as fazendas gadobravenses seguiram o mesmo ritmo das propriedades interioranas do Nordeste, ou seja, a moradia era simples construída de pedra como a casa-grande da fazenda Heráclio de tijolo artesanal fabricados ali mesmo. A cobertura seguia o mesmo estilo, madeira extraída das matas da propriedade e telha fabricada com a

argila do solo onde se estava construindo a sede da fazenda. Conforme podemos observar na imagem abaixo:

**Figura 02.** Casa de pedra da Fazenda Heráclio



**Fonte:** Acervo pessoal, Março de 2015.

Grande parte dos proprietários, que foram erguendo as fazendas no que hoje compreende o município de Gado Bravo, eram descendentes diretos de fazendeiros do vizinho estado de Pernambuco, por muito tempo e até nos dias atuais toda uma região mantém uma estreita relação com os vizinhos pernambucanos. Relação de ordem política, econômica e até mesmo cultural; na verdade as raízes pernambucanas nunca deixaram de estar presente no cotidiano do cidadão gadobravense. Basta analisarmos o relato de um morador antigo e ilustre do município:

Toda construção, todo desenvolvimento de Gado Bravo sempre esteve atrelado ao Agreste e a capital pernambucana (Recife), os grandes homens, primeiros proprietários de grandes extensões de terras vieram de Limoeiro, Passira, São Vicente Ferrer, Orobó. Os primeiros feirantes iam buscar seus produtos como gêneros não perecíveis e tecidos no Recife. Existia também a relação comercial com cidades paraibanas, a exemplo de Campina Grande, São João do Cariri, Cabaceiras e Boqueirão, embora de maneira bem menos acentuada segundo o senhor Cabral. (PESQUISA DE CAMPO, 23 de novembro de 2014)

Seu Lourival Cabral, como é conhecido na região, tem 83 anos e é filho de agricultores, nasceu no município vizinho de Barra de Santana, mas desde a

adolescência mora em Gado Bravo. Além de professor, foi um dos políticos mais atuantes do município nas décadas 1980-90, exercendo consecutivamente quatro mandatos de vereador. É um velho conhecedor da história gadobravense.

Vejamos a seguir como ele descreve a chegada do primeiro caminhão em Gado Bravo: “O escoamento do algodão e do couro encontrava enorme dificuldades, tudo feito no lombo de mulas, de cavalos, dos jumentos (...), o meu pai comprava queijos na região e eu cansei de ir com ele vender no mercado central de Campina Grande, íamos a cavalo”.

Em 1944 houve um alvoroço na sede do distrito e nos lugarejos circunvizinhos: Zé Noberto (José Mariano Barbosa) havia comprado um caminhão na Bahia, estava para chegar, de um lado estavam os curiosos querendo admirar a novidade, do outro os temerosos que diziam tratar-se, na verdade, de uma besta fera, estradas foram rasgadas para que o caminhão pudesse circular. Meu pai construiu do povoado de Barra de Santana até o povoado de Torres; de Torres até Gado Bravo quem construiu foi Zé Noberto,(...) o caminhão passou em Salinas em 1945 e já trazia ares de modernidade”.

Como descrito pelo senhor Cabral, o automóvel trouxe ares de modernidade; o primeiro caminhão do senhor Zé Noberto abriu caminho para a chegada de outros automóveis, adquiridos principalmente pelos fazendeiros necessários para o transporte e para o escoamento de suas produções. Nem todo proprietário tinha condições financeiras para adquirir um caminhão, todavia os que foram chegando ao longo dos anos trouxeram mudanças e foram os responsáveis por ir minando gradativamente o transporte no lombo de animais.

Está explícito no trabalho que o município de Gado Bravo constituiu, como um dos municípios mais próspero na pecuária leiteira do estado da Paraíba. Dezenas de fazendas encontram-se abandonadas ou semiabandonadas nos quatro cantos do município. A figura abaixo com destaque para sua fachada, representa bem uma casa grande de fazenda de gado em Salinas:

**Figura 03:** Casa grande - localizada no município de Gado Bravo.



**Fonte:** Acervo pessoal, Março de 2015.

No entanto, dentro do município, uma região em particular se destaca: o Sítio Salinas, há cerca de cinco Km do centro urbano de Gado Bravo. Constituindo milhares de hectares - boa parte das fazendas está localizada nas margens do riacho que deu nome a comunidade, em Salinas a vocação pela pecuária leiteira foi acrescida do fato das terras salineiras localizarem-se nas margens de alguns riachos como sabemos os rios são os caminhos do gado, terras baixas, portanto, o que favorecia a plantação de pastos e a construção de cacimbas construídas nos riachos nos anos de seca.

**Figura 04:** Riacho Salinas



**Fonte:** Acervo pessoal, Março de 2015.

**Figura 05:** Cacimba no riacho Salinas



**Fonte:** Acervo pessoal, Março de 2015.

A primeira fazenda do município foi construída em Salinas: a fazenda de pedra pertencente à família Heráclio, como fora visto na ilustração 3, verdadeiro tesouro a céu aberto; construção daquela forma não se encontra parte alguma da região. Além dos Heráclios, outras famílias construíram fazendas na região, como “os Cambraias” e “os Araújo”, que por muitas décadas ajudaram no desenvolvimento econômico da região.

Em algumas fazendas erguidas por estas famílias, ainda existe cabeças de gado bovino (entretanto boa parte delas encontra-se abandonada). As ruínas que elas hoje se encontram trazem registros de um momento de prosperidade que não esteve tão longe, conforme observamos na imagem abaixo.

**Figura 06:** Fazenda Cambraia



**Fonte:** Acervo pessoal, Março de 2015.

Apesar da estrutura de uma fazenda interiorana demandar pouco trabalho e consequentemente pouca mão de obra como foi citado anteriormente, o que levava muitas vezes a própria família do proprietário que geralmente era numerosa a exercer as atividades necessárias, o trabalho nas fazendas foi adquirindo novos ritmos ao longo dos anos. Fatores de diversas ordens foram determinantes nestas mudanças: o crescimento econômico, a expansão territorial, o aumento do rebanho, o descobrimento da terra, as plantações de pastagens entre outros contribuíram para quebrar a monotonia na simples, mas próspera fazenda.

Portanto, se nos primeiros anos de fundação a família dava conta do trabalho na fazenda, com estas mudanças novos personagens surgem para o



trabalho, inaugurando com isso uma nova forma de relação social: o apadrinhamento.

Famílias inteiras procuravam os proprietários das fazendas em busca de trabalho e de melhores condições de vida, partes destas famílias moravam distante da propriedade do fazendeiro o que inviabilizaria a viagem cansativa e rotineira de todos os dias. Com isto a solução encontrada era a construção de uma “casinha” nas terras do patrão, dando início aí não só a uma relação entre empregador e empregado, mas a uma relação bem mais próxima, este último se tornaria agora agregado do primeiro.

Ainda hoje, é possível encontrar casas dos agregados, espalhadas ao longo dos tabuleiros, em meio ao marmeleiro, árvore típica da caatinga gadobravense. Suas construções eram simples, geralmente constituía-se de três cômodos: a sala, a cozinha e um quarto e geralmente distanciava-se pouco da casa do patrão. O fato do empregado morar vizinho ao patrão possibilitava além do estreitamento dos laços, uma relação familiar, o filho do vaqueiro por exemplo, poderia brincar com o filho do fazendeiro.

Pela relação de “amizade” e de companheirismo, e pelo fato do fazendeiro possuir melhores condições financeiras levava muitas vezes o agregado ou empregado a convidar este primeiro para ser padrinho dos seus filhos. Esta prática de escolher uma pessoa com melhores condições de vida para ser padrinho dos seus filhos é registrada ainda hoje no município. As pessoas fazem isto na expectativa que seu filho ganhe presentes e proteção dos padrinhos ricos. A relação de apadrinhamento aproximava ainda mais o agregado do patrão.

Este agregado exercia todo tipo de tarefas nas terras do fazendeiro: trabalhava no eito limpando o mato com a enxada, no tabuleiro capinando o marmeleiro e descobrindo os campos de pastagens, na reforma de reservatórios de água, na plantação da palma forrageira, na construção de cercas; isto sem falar no trabalho rotineiro, cansativo, mas especializado realizado com o gado nos currais das fazendas.

Ao profissional que trabalhava nestas fazendas denominamos de vaqueiros, eles exerciam por boa parte do ano uma tarefa que durava o dia inteiro, de sol-a-sol como se diz na região: tiravam o leite pela madrugada antes do sol raiar, alimentava

o gado nas cocheiras (na cocheira a alimentação do gado consistia da macambira, do sisal, do capim e da palma forrageira) à tarde por volta das 14 horas o vaqueiro voltava a desleitar as vacas, encerrando a labuta quando o sol se esconde no horizonte.

Tanto o agregado como o vaqueiro foram personagens cruciais no desenvolvimento das fazendas de gado no município de Gado Bravo, em algumas fazendas ainda existe a presença destas figuras ilustres que tanto contribuíram para a economia local. As terras áridas do cariri paraibano, onde está localizado o município de Gado Bravo apresenta índices pluviométricos abaixo dos 600 mm anuais. Este baixo regime de chuva fez com que por muito tempo os criadores locais criassem um animal que se adequasse as condições climáticas do município: a cabra. Criava-se solta ao longo dos tabuleiros.

No trecho citado abaixo um cidadão e criador gadobravense descreve a criação das cabras na fazenda de seu pai:

A terra não tava preparada pra a criação de vacas, léguas e mais léguas de terras tavam cobertas de mato, meu pai falou que era melhor que criasse cabra que era melhor pra comer no mato. Os bode vivia soltos e era difícil a gente prender, vivia a perder de vista, se alimentava do que encontrasse pelo caminho. (PESQUISA DE CAMPO, 23 de novembro de 2014).

O depoimento deste morador nos apresenta uma outra realidade a respeito da instauração da pecuária no município de Gado Bravo.

Posteriormente, um descendente de fazendeiro fala a respeito da instalação dos seus antecedentes na fazenda Heráclio no sitio Salinas, primeiro reduto agropecuário do município. Comparando os dois depoimentos (o do entrevistado 2 e o do entrevistado 1 citado anteriormente) notamos alguns contrastes importantes. Principalmente, no que diz respeito à criação pecuarista inicial no município, uma vez que o segundo afirma que a pecuária em Gado Bravo teria iniciado com cabras e o primeiro nos relata que seus antecedentes trouxeram de Pernambuco as primeiras cabeças de gado bovino.

É importante ressaltar que as fazendas citadas pelos dois entrevistados localizavam-se na mesma região do município: o sitio Salinas e como já foi dito anteriormente, a fazenda Heráclio é o mais antigo reduto pecuário do município.

Neste sentido, algumas perguntas tornaram-se necessárias: afinal, como se deu as primeiras criações pecuaristas na região? Era de gado caprino ou bovino? A terra estava mais adequada a que tipo de criação?

São perguntas inquietantes que nos levaram a buscar as respostas nos relatos orais colhidos com moradores experientes do município. É o senhor Lourival Cabral, citado anteriormente, que melhor nos responde a estas indagações: “Analisar em miúdos a pecuária aqui no município de Gado Bravo é uma tarefa árdua, mas importantíssima, já que ninguém nunca se preocupou com o tema”, diz ele, e continua:

Alguns criadores de gado da localidade, eram caririzeiros da região de Cabaceiras, como bom habitante da região trouxe consigo a cultura da criação do gado caprino típico da região; os Heráclios vieram de uma região muito distinta, eram naturais do brejo pernambucano e já praticavam a pecuária bovina naquela região. A instalação das duas culturas pecuaristas no município é simultânea, a única diferença é que as duas se deram em pontos diferentes de Salinas, a bovina ao sul, a caprina ao norte. Nos primeiros anos pelo fato dos campos estarem cobertos pela vegetação nativa a criação de cabras era mais adequada, uma vez que a criação de bovinos demandava a existência de campos descobertos para o crescimento do pasto. (PESQUISA DE CAMPO, 23 de novembro de 2014)

Como podemos observar no relato do senhor Cabral à pecuária em Gado Bravo foi introduzida tanto com a prática da cultura bovina, tanto com a existência da cultura caprina. Entretanto, nas últimas décadas esta cultura tornou-se obsoleta no município, uma vez que ela não gerava renda, segundo um dos entrevistados um dos fatores principais pela grande decadência desta cultura: “criar cabras não é mais interessante por aqui, gera pouco lucro; temos que batalhar pela sobrevivência do gado (bovino) e não temos mais interesse na criação de cabras”.

Portanto, como podemos notar nas narrativas, a criação de cabras no município, seguir esta cultura pecuarista tornou-se inviável nos dias de hoje. O principal fator desta decadência seria a pouca lucratividade gerada pelo rebanho caprino. Entretanto, como veremos nas páginas seguintes a criação de bovinos em Gado Bravo parece seguir o mesmo caminho.

Nas primeiras décadas da introdução do gado leiteiro em Gado Bravo, não existia ainda aquela matéria-prima que vem a ser a principal fonte de alimentação do

rebanho hoje: a palma forrageira. Segundo o senhor Cabral ela chegou por aqui por volta da década de 1940:

Quando meu pai passou a criar vacas ainda não existia palma, agente alimentava o gado com capim, com palha de milho, naqueles anos os invernos eram melhores do que hoje o que favorecia também, dávamos nos anos que não tinha inverno macambira ao rebanho, só nunca cheguei a dar o sisal (agave) (PESQUISA DE CAMPO, 23 de novembro de 2014)

Além da macambira, citada na entrevista, outros cactos também faziam parte da alimentação dos animais na época da seca: o cardeiro (mandacaru) e o facheiro são exemplos que não podemos deixar de citar, isto sem falar no sisal que o senhor Silva irmão não utilizava como alimentação de seus rebanhos, mas que com certeza era utilizado por outros pecuaristas.

No entanto, com o passar dos anos e sentindo-se a necessidade de plantar capim, o criador gadobravense passou a ir buscá-lo em outros municípios e até mesmo no estado vizinho de Pernambuco. É ainda o senhor Lourival Cabral falando: “trouxemos capim do açude de boqueirão, alguns vieram do brejo pernambucano”.

### **3.4 Do antigo ao moderno: A pecuária nos cariris velhos**

Localizado em uma região pouco chuvosa, onde muitas vezes os índices pluviométricos anuais não passam geralmente dos 600 mm, a região do cariri paraibano tem ao longo dos séculos uma estreita relação com a pecuária. O ingresso desta na região remete a época da expulsão dos holandeses, período em que houve uma intensificação no processo de interiorização da Capitania Real da Paraíba.

Desbravar este interior não foi tarefa fácil, para quem ousou a aventurar-se teve que enfrentar o gentio (índios), que lutaram tanto o quanto puderam para defender seus territórios e proteger suas culturas e seus costumes. Nessa empreitada o sesmeiro (herdeiro de sesmarias) contou com a colaboração dos missionários religiosos que construindo aldeamentos com a missão de “civilizar” os índios, retiraram muitos destes da luta sangrenta com o homem branco que a

qualquer custo queriam expulsar os primeiros de sua terra natal para instalação de suas fazendas.

Além do gentio o fazendeiro enfrentou por diversas vezes a fúria das intempéries do tempo, como estiagens prolongadas que durando mais de três anos poderia levar à fazenda a ruína matando os animais e até mesmo homens; além dos períodos de secas prolongadas o caririzeiro teve que enfrentar seu contraste: as cheias provocadas pelos rios e riachos temporários nos anos chuvosos, estes, assim como hoje, eram raros e ocorriam geralmente em anos terminados em número quatro, como bem decifra um de nossos entrevistados:

Segundo o senhor Lourival Cabral (83 anos), morador gadobravense. “Essa história de que os anos terminados em quatro são chuvosos é antiga, vem da época de meus avós, e eu afirmo com toda certeza que é verídica, é muito raro não ter uma era que termina em quatro bom”. (PESQUISA DE CAMPO, 23 de novembro de 2014). Com o passar do tempo à pecuária de forma extensiva tornou-se insuficiente; fatores de diversas ordens: econômica, climática entre outras, assim como a modernização das técnicas de criação em alguns lugares do Brasil e até mesmo do mundo, levaram o fazendeiro do cariri paraibano a repensar seus métodos de criação.

O gado que vivia “as leis da natureza” no dizer de Caio Prado (2004), solto, irradiado como bem argumentou Ribeiro, passou a ser aprisionado em currais e alimentado em cocheiras. Diversas variedades de capim foram trazidas para serem plantados nas várzeas, a palma forrageira foi adquirida e plantada nas terras áridas, local em que se habituou muito bem.

A pecuária agora não estava mais só voltada para abastecer de carne os centros consumidores. O gado confinado passou a serem alimentados também para a produção de leite, nestas condições outras raças de gados bovinos foram trazidas de outras regiões, outras até foram importadas.

É importante ressaltar aqui que nem todo fazendeiro teve condições econômicas e logísticas para implementar em sua propriedade estas modernas técnicas de criação, foram poucos até os que tiveram. Algumas mudanças ocorreram em todas, a exemplo, de alimentar os animais com a palma forrageira, fora esta e outras mudanças simples a maioria das fazendas pouco se modificaram.

No pequeno município de Gado Bravo, localizado no cariri agrestado e banhado pelo rio Paraíba é um exemplo, onde as fazendas pouco mudaram aonde a modernização não chegou.

Nas últimas décadas do século XIX, o proprietário das fazendas de gado do Nordeste e como consequência os do cariri paraibano buscando se adequar as intempéries do tempo e tentando obter mais sucesso em suas atividades econômicas resolveram modificar algumas técnicas de criação. Para Mendonça Outros fatores também contribuíram para esta “revolução” nas fazendas “teve-se a redução das precipitações pluviométricas; depois, o aumento do número de animais, a divisão das terras, o arame farpado, a redução de porte e da produção de leite”. (RODRIGUES, 2012, p.4).

Deste modo, a criação de forma extensiva foi sendo deixado de lado, este modo rústico e já tradicional de tratar o rebanho foi aos poucos sendo abandonada; o fazendeiro que só podia ver seu rebanho uma vez por ano na época da apartação resolveu modificar completamente a forma de lidar com o rebanho.

Os antigos tabuleiros foram aos poucos sendo transformada em campos de palma forrageira, quebrando-se assim o silêncio habitual na fazenda pelo ruído desta máquina, graças a ela a palha-de-milho, o sabugo e o caroço do algodão puderam ser acrescentados na alimentação dos animais. As gramíneas e o capim nativo foram aos poucos sendo substituídos em muitos locais por capim búfel de todas as variedades: gayndah, grass, biloela. Plantam-se algarobeiras vindas do deserto do Atacama, adota-se o ensilamento de pastagens. Aos poucos foi se desenvolvendo na região uma base vegetal compatível com o clima e com o território da região.

Mudanças significativas ocorreram também no que diz respeito à mão-de-obra, os poucos vaqueiros que tomavam conta do rebanho na época da criação extensiva, agora não davam mais conta da verdadeira indústria em que se transformou a fazenda. O trabalho no dia-a-dia deste recinto envolvia agora toda uma gama de profissionais e trabalhadores: vaqueiros, criadores, veterinários, peões entre outros.

Portanto, analisando de forma comparativa as primeiras fazendas do período colonial, quando o gado foi “expulso” do litoral açucareiro, para as fazendas dos

primeiros anos do século passado nos sertões do Nordeste e, de forma particular no cariri paraibano, percebemos mudanças em todos seus aspectos, desde o modo de criação de forma extensiva, até o aspecto logístico de organização das fazendas de gado bovino.

### **3.3A dinamização econômica e a modernidade chegam ao meio rural de Gado Bravo**

O município de Gado Bravo sustentou por muitas décadas um rebanho bovino de expressão na região, prova disso é o fato de estar inserido até alguns anos atrás na principal bacia leiteira do estado juntamente com Alcantil, Barra de Santana, Caturité e outros municípios da região. Os símbolos dos tempos áureos ainda estão de pé, apesar de alguns estarem em ruínas, a exemplo da Fazenda Morumbí, pertencente à família Lucena e localizada no Sitio Lagoa dos Marcos.

Foi na década de 1980 que estas fazendas passaram a ter sua prosperidade atingida, fatores de ordem econômicas e sociais foram uma das principais consequências para este fenômeno. Um dos entrevistados falou a respeito:

Por mais que você tente, é complicado sustentar a prosperidade de um negócio para sempre, e a fazenda é um negócio, difícil de administrar, diga-se de passagem. Aqui em Gado Bravo não é lugar de criar gado bovino, caprino até que vai, mas bovino não, moramos num local onde a seca é cíclica e certa. Por mais que você construa reservatórios para sustentar água: cacimbas, poços e barragens, eles não são suficientes para aguentar tanto tempo de seca, prova disso é a época em que estamos vivendo, estes reservatórios estão todos secando. (PESQUISA DE CAMPO, 23 de novembro de 2014)

Portanto, os entrevistados apontam alguns fatores em suas narrativas a respeito das mudanças que a modernidade trouxe para a pecuária gadobravense: “O jovem de hoje não quer mais trabalhar no pesado, tem outras oportunidades, estudar é uma delas. O estudo é muito bom e essencial, mas, nesse ponto, infelizmente, ele atrapalhou. A realidade do campo é árdua:

Hoje não adianta mais querer prender os jovens no roçado, eles tiveram contato com essas modernidades e não se interessam mais com o trabalho do campo, por um lado é bom porque eles vão ter uma vida melhor que a

nossa, por outro é triste, estamos vendo dia-a-dia o que nós construímos com tanto esforço acabar. (PESQUISA DE CAMPO, 23 de novembro de 2014)

Não só a modernidade foi fator determinante na decadência da pecuária leiteira no município de Gado Bravo, fatores de ordens econômicas também foram primordiais neste processo.

Nos últimos anos a economia do município passou por um acentuado processo de dinamização: o jovem tendo a oportunidade do estudo preferiu ingressar no serviço público; fatores climáticos também contribuíram para a falta de interesse dos jovens no campo; ao atingir a emancipação política em 1994, Gado Bravo passou por processos que trouxeram acentuadas mudanças na economia municipal: foram instaladas farmácias, supermercados entre outros que mudaram os rumos econômicos do município, antes só voltado para o meio rural e para o setor agropecuário. Com todas estas transformações em um município de pequena dimensão como Gado Bravo ocasiona em pouco tempo consequências significativas que levou em poucos anos a decadência do meio rural.

Esses elementos, no entanto, são cuidadosamente datados no tempo, e situados no espaço (econômico social e demográfico). São elementos comparados entre si e estudados em suas possíveis interações. São, talvez, sobretudo, elementos que foram relacionados com o conjunto do ambiente econômico, social e político em que ocorreram.

As crises nunca foram apenas “econômicas”. “Elas sempre adquiriram as suas cores específicas e originais, em função também do clima social e dos acontecimentos políticos que as acompanharam, ou seja, que foram influenciados por elas e que as puderam influenciar”. (BOUVIER *apud* LE GOFFE, 1988, p. 25).

O que provocou as crises econômicas nas fazendas de gado no município de Gado Bravo não foi, portanto, apenas fatores econômicos, mas uma série de metamorfoses intercambiadas, mudanças renovadoras, que levaram em poucos anos a uma desestruturação da economia leiteira no município.

Segundo o senhor Lourival Cabral só tem uma forma de reverter este quadro, conscientizando os jovens da importância de trabalhar e investir no meio rural:



É preciso que o jovem perceba a importância que o meio rural tem para a economia local, ele precisa enxergar que as instruções obtidas em seus estudos podem ser revertidas em melhorias para o campo onde nasceu. Em Gado Bravo tornou-se preciso trabalhar em cima desta temática que muito inquietam nossos agricultores [...]. Temos que contar com a EMATER, com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município para junto fazermos reuniões nos quatro cantos do município, mostrando a nossos jovens a importância de não abandonar o meio rural. (PESQUISA DE CAMPO, 23 de novembro de 2014)

Os fatores e as condições citadas anteriormente trouxeram grandes prejuízos para a zona rural de Gado Bravo, muitas propriedades abandonadas, currais vazios sem nenhuma ou poucas rezes. Não é preciso andar muito pelo meio rural do nosso município para que possamos verificar todas estas características que entristecem alguns gadobravenses.

A economia do município de Gado Bravo sempre esteve voltada para a agricultura e pecuária, pois a criação de gado sempre esteve presente no município, desde os seus primórdios, como também a agricultura familiar.

Já destacamos anteriormente, que a primeira atividade econômica gado bravense foi exercida pelos curtumes onde se curtia e comercializava o couro. Após os tempos do couro, vem à época do algodão; foi instalado no município pelo senhor Orlando Guerra uma pequena usina algodoeira, onde o algodão era comprado aos agricultores locais que o plantavam em suas propriedades e depois vendiam na usina a sua produção, tanto esse produto como os caroços eram prensados e vendidos para as principais feiras da região, principalmente para Campina Grande.

Em paralelo a essa atividade, surgia a industrialização do sisal, um empreendimento do senhor João de Brito, este tinha uma pequena usina localizada em sua propriedade no sítio Chã de Beleu, que era conhecida popularmente como o “Motor de Agave de João de Brito”, hoje restam apenas ruínas da usina. Os agricultores locais produziam o sisal e vendiam a João de Brito, e este fazia o beneficiamento e exportação.

Junto com a industrialização (muito embora que rudimentar), veio o crescimento do comércio, os agricultores vendiam sua produção aos latifundiários e com o dinheiro da venda compravam seus produtos de necessidade básica, dando impulso ao comércio local. Então, surgiram pequenos comerciantes que negociavam

açúcar, fumo, farinha, milho e outros cereais, dona Faustina trouxe a loja de tecidos, surgiram pequenas mercearias como a de José Leôncio e a de José Aguiar.

A feira livre, uma das marcas do município surgiu em 1927. Entretanto, a feira só teve seu renome em setembro de 1937 e até hoje funciona todos os domingos na rua principal da cidade, sendo umas das principais atividades econômicas da região atraindo comerciantes dos municípios vizinhos e até mesmo do estado de Pernambuco.

Segundo Silva (2015):

Um dos fatores que mantém o comércio vivo no Município de Gado Bravo são as relações existentes entre clientes e comerciantes, que na maioria das vezes moram próximos e mantêm um vínculo de afetividade, o que acaba contribuindo para as vendas, com uma reciprocidade que garante novas vendas sempre garantidas. (SILVA, 2015, p. 8).

A pecuária do gado leiteiro existente até hoje, embora de forma bastante reduzida, comparada ao que era antes, sempre foi uma atividade de relevância no município. Atualmente, em Gado Bravo não tem nenhuma indústria, uma vez que as épocas áureas do algodão e do sisal chegaram ao fim, hoje restam apenas ruínas das antigas usinas; as fazendas também perderam sua importância econômica, como veremos nas próximas páginas. Hoje a economia tem sua sustentação na agricultura de subsistência e no serviço público municipal e estadual.

O município de Gado Bravo também apresenta atrações turísticas, entre os quais podemos destacar: eventos religiosos, um na zona urbana: homenagem ao dia de São José padroeiro do município realizado no dia 19 de março, onde o gado-bravense e as populações das cidades vizinhas participam de cultos religiosos, parques de diversão e shows ao vivo em praça pública.

Além da festa de São José, outro evento realiza-se na zona rural: a festa em homenagem a Nossa Senhora Santana no povoado do Tapuio, as margens do Rio Paraíba, rodeado de paisagens naturais e recheado de riquezas históricas este evento religioso também atrai visitantes de toda região.

O município oferece vaquejadas ao longo de todo o ano, em Gado Bravo existem parques espalhado pelos quatro cantos, destaque para os parques “Sem Boi” na sede do município, o parque “Horácio Pereira” no sítio Caracolzinho e o

parque “José Pereira de Aguiar”, localizado na comunidade de Guaribas de Cima. No município também se realiza o campeonato de futebol todos os anos.

Outro evento turístico de grande respaldo no município é o desfile cívico realizado no mês de setembro – o sete de setembro como é popularmente conhecido entre os moradores – realizado desde meados da década de 1970 ainda hoje o evento arrasta milhares de curiosos tanto das cidades vizinhas como do município de Gado Bravo.

**Figura 07:** Desfile cívico na Rua Central na década de 1980



Fonte: Acervo da pessoal da Sra. Eliete

Durante a pesquisa analisamos a paisagem da cidade de Gado Bravo, e percebemos as grandes mudanças estruturais na cidade como também culturais e econômicas entre outras. Como bem observou Leal (2013):

As cidades são espaços onde a história é construída no dia-a-dia, ou seja, no cotidiano e nas experiências concretas das pessoas que a habitam. Nelas encontramos as pessoas comuns, os poetas, os sonhadores, enfim, personagens que criam e recriam suas histórias a partir do lugar em que vivem (LEAL, 2013, p. 14).

Assim foi em Gado Bravo, sua história foi criada e recriada dia-a-dia. Emancipado politicamente em 1994, o município só vai ter um desenvolvimento urbano significativo, a partir do ano de 2005, como está representado na figura 8. Antes disso, houve certo crescimento urbano, mas em escala menor do que a partir do ano citado anteriormente.

**Figura 8:** Centro municipal de Gado Bravo



**Fonte:** Márcio Ferreira, Março de 2014.

O crescimento urbano acarretou mudanças nos hábitos da população da cidade de Gado Bravo:

São mudanças materializadas com a construção do Mercado Público na década de 1950, a instalação da Luz Elétrica a motor na década de 1960 além do aplainamento e construção do calçamento na Rua Central na década de 1970, atual Rua José Mariano Barbosa e da instalação dos primeiros aparelhos de televisão na década de 1970". (CAMELO, 2015, p. 3).

Ainda segundo (Camelo) a construção do mercado público trouxe certas perspectivas em torno da ideia de conforto, dignidade e civilidade para os feirantes que comercializavam suas mercadorias em um local improvisado, insalubre e sem higiene.

No lugar das bodegas surgem os mercadinhos, no lugar dos jumentos e dos burros optou-se pela motocicleta, no lugar de eventos animados por cantadores de viola, repentistas, com seus instrumentos tradicionais optou-se pelas bandas com instrumentos eletrônicos sofisticados. Além disso, temos a presença de restaurantes, lanchonetes, pizzarias, academias, salões de beleza, lanhouses, lojas de roupas e eletrodomésticos, um estádio de futebol conhecido por "Monteirão", equipado com arquibancadas e cabine de imprensa.

Em 2009 é instalada na zona urbana do município uma torre de transmissão, fornecendo a cobertura da empresa de telefonia Vivo, o que acarretou uma grande

dispersão de celulares não só na cidade, mas no município como todo, inserindo ainda mais os gadobravenses ao meio técnico-científico-informacional. Para um cidadão de uma média ou grande cidade, estas mudanças não têm muita significância, entretanto, para uma cidade de pequeno porte como Gado Bravo elas se tornam importantíssimas, sendo capaz de mudar inclusive toda a rotina da cidade.

Houve mudanças também no plano religioso, até a alguns anos atrás, a religião católica exercia uma espécie de “monopólio”, dominando a paisagem da cidade, e do município de Gado Bravo como todo, todavia, hoje estes templos dividem espaço com os templos cristão, protestantes, a exemplo: a Assembleia de Deus, as Testemunhas de Jeová, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Mundial do Poder de Deus, a Adventista do Sétimo Dia e a Igreja Betel.

Todas essas mudanças no espaço gadobravense, acarretaram importantes conquistas, foram conquistas que modificaram o cotidiano daqueles que ali vivenciam o seu dia a dia; o contato com elementos modernos de valor universal despertaram no imaginário local a sensação de estar vivendo certas melhorias, entretanto, apesar deste significativo avanço, que podemos identificar empiricamente, na paisagem, têm-se muitos problemas, ou melhor, desafios a serem resolvidos, desafios típicos de qualquer espaço, uma vez, que em qualquer lugar têm-se desafios a serem resolvidos.

Apesar de não termos dados oficiais, entendemos que as primeiras fazendas de gado no território que vem a ser hoje, o município de Gado Bravo, datam das primeiras décadas do século XIX. Os primeiros fazendeiros vieram de regiões distintas do vizinho estado de Pernambuco e aos poucos foram se fixando nas terras áridas cobertas de vegetação da caatinga.

Junto com o gado bovino também foram trazidos outros rebanhos: caprinos, ovinos, equinos, suínos e aves de diversas espécies que constituíam a pequena, mas já bem estruturada fazenda. Além dos rebanhos o pecuarista também cultivava gêneros agrícolas utilizados na subsistência da fazenda: milho, feijão, fava, abóbora e outros gêneros que tornava a fazenda autossuficiente nos anos chuvosos.

Todavia, os principais gêneros agrícolas que foram cultivados e que trouxeram desenvolvimento para o município foram o algodão e o sisal vendidos

para as principais feiras da região quando não passavam pelos primeiros processos nas pequenas indústrias presente no município citadas anteriormente.

Um dos entrevistados (67 anos), argumentou a respeito da instalação de seus parentes na região:

Meu tio Joca da Salina veio de Limoeiro com seus familiares e se instalou as margens do riacho Salinas, construindo uma casa de pedra; aos poucos foi juntando agregados na região desbravando as matas virgens e abrindo espaço na terra para o crescimento do pasto. Assim que encerrou o trabalho na terra foram sendo trazidos os rebanhos que iam desde o bovino até o suíno. Do leite das vacas faziam-se queijos que eram levados em lombos de mulas para as feiras de Pernambuco. (PESQUISA DE CAMPO, 18 de janeiro de 2015)

Como podemos notar nas palavras do senhor Heráclio os primeiros fazendeiros da região vieram mesmo de Pernambuco (fenômeno já citado anteriormente por Camelo), outra característica das primeiras fazendas que se firmaram no Nordeste conforme Caio Prado Júnior argumenta mais adiante também aparecem na que foi citada acima: a simples estrutura da moradia construída apenas de pedra.

Na fazenda “Heráclio” também eram plantados gêneros alimentícios de primeira qualidade como o feijão e o milho, além do algodão como podemos notar no trecho a seguir do mesmo entrevistado:

(...) a terra era bem cuidada, os cercados descampados, as vacas comiam soltas na época das chuvas, no verão alimentava o rebanho com sisal plantado ali mesmo junto com o algodão que empregavam muita gente no cultivo e cobriam os campos de branco na época da produção. (PESQUISA DE CAMPO, 18 de janeiro 2015)

As fazendas que foram aos poucos sendo fundadas no município de Gado Bravo seguiram aspectos complexos e gerais típicos de muitas que foram sendo estruturadas no interior bravio de várias partes do país ainda na época da colônia. Para deixarmos mais claro a respeito destes aspectos, bem como a economia gerada por estas fazendas é preciso discutir historicamente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final dessa monografia retomamos á indagação inicial para apresentar os resultados preliminares de nossa reflexão, visando à integração dessas pesquisas ao projeto maior que destaca a pecuária bovina no município de Gado Bravo.

Reconhecemos que ainda há muito para estudar, analisar, ensinar e narrar às realidades econômicas dos municípios paraibanos em especial no nosso caso o município de Gado Bravo, e as mudanças ocorridas nesse município nos últimos anos em decorrência do declínio da pecuária bovina.

Na atualidade a economia gadobravense está sobrevivendo no setor terciário (mercearias, bares, farmácias, entre outros) e empregos públicos, no entanto no campo agricultura continua o predomínio do cultivo de gêneros alimentícios de subsistência: milho, feijão... na pecuária as centenas de cabeça de gados presentes nas fazendas de alguns anos atrás já não existe mais, o que existe são poucas cabeças de gados, isto é, pequenos rebanhos de poucos criadores.

Para uma melhor compreensão do objeto de estudo utilizamos o método da oralidade, foram realizadas entrevistas com os antigos moradores e descendentes do município. Coletamos fatos econômicos, sociais, culturais e climáticos nas falas desses entrevistados o que contribuíram significativamente para realização da nossa narrativa.

Entendemos que o nosso estudo é de grande colaboração para os estudiosos do tema, ademais o estudo contribui também, para que as futuras gerações da cidade de Gado Bravo valorizem a vivência no campo.

Por fim, acreditamos que esse estudo possibilita refletir e discutir a pecuária bovina no município de Gado Bravo, contribuindo para significá-la, para fortalecer as lutas em busca de novas conquistas pela superação da injustiça, da desigualdade tão presente em nossa sociedade. Logo, inquietar-se é muito mais que acomodar-se.

## REFERÊNCIAS

CAMELO, Antônio Nilson Luciano; GOMES, Iordan Queiroz. **Reformas e Transformações Entre o Urbano e o Rural em Gado Bravo – PB (1950-1970)**. Trabalho de Conclusão de Curso em Lic. Em História – Universidade do Vale do Acaraú. 2014.

CARLOS, Ana Fani A. Cidade: uma perspectiva histórica. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.56-66. (Coleção repensando a geografia).

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 14ªed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

GUEDES, Paulo Henrique Marques de Queiroz. **Colonizadores: agentes produtores do espaço**. IN: A colonização do sertão da Paraíba: agentes produtores do espaço e contatos interétnicos (1650-1730). João Pessoa: Dissertação de mestrado. Editora da UFPB, 2006, pp. 91-151.

LEAL, Letícia Mendes. **De Buriti a Ipiranga: Entre a cidade visível e a invisível (1956-1980)**. Monografia UFPI, 2013. Disponível em: [www. UFPI. BR/subsitefiles/Picos/arquivos/files. Monografia Letícia Mendes Leal cd original 01-pdf](http://www.ufpi.br/subsitefiles/Picos/arquivos/files/Monografia%20Let%C3%ADcia%20Mendes%20Leal%20cd%20original%2001.pdf). Acessado em 08/02/2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 3ªED. São Paulo, Edições Loyola, 2000.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma religião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes**. 3ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

PM DE GADO BRAVO COMUNICA. Gado Bravo, Gabinete do prefeito, n.01, 29 abr. 2015.

PRADO JÚNIOR, Caio; **Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RÉGIS, Elza. **A autonomia da Paraíba**. Recife: UFPE (mimeo\_ Dissertação de Mestrado em História).

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Vaqueiros, bois e boiadas – trabalho, negócio e cultura na pecuária do Nordeste mineiro**. Biblioteca virtual. Disponível em: [Clacso.org.or/or/libras/brasilceda/estudos/dez/eduard10.htm](http://Clacso.org.or/or/libras/brasilceda/estudos/dez/eduard10.htm). Acessado em 08/02/2015.

RODRIGUES, Salatiel Ferreira. **O léxico do gado na região dos cariris velhos – PB**. [www. Filologia.org.br/revista/artigo/2 \(6\) 8-17. html](http://www.Filologia.org.br/revista/artigo/2%20(6)%208-17.html).

RODRIGUEZ, Janete Lins (org.) *et al.* **Atlas escolar Paraíba**. 3. ed. João Pessoa: Grafset, 2002.



SANTANA, Josefa Iva de. Organização espacial do município de Gado Bravo-PB. **Estudo demográfico do município de Gado Bravo-PB**. Campina Grande: UVA, 2009. p.13-16.

SANTOS, Milton. Geografia, Sociedade, Espaço. **Por uma geografia nova**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008. p.123-190. (Coleção Milton Santos; 2).

\_\_\_\_\_. A forma e o tempo: a história da cidade e do urbano. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008. p.65-68. (Coleção Milton Santos; 11).

SILVA, Márcio Ferreira da. **Relação Cidade e Comércio nas Pequenas Cidades: Uma Análise das Transformações Espaciais no Município de Gado Bravo - PB.** / Marcio Ferreira da Silva. - 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

SINGER, Paul; **Economia política da urbanização**. 14<sup>o</sup> ed. rev. – São Paulo: Contexto, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação Histórica do Brasil**. 13<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.